

## **Psicodrama e Guerra nas estrelas: Uma análise da relação com o pai**

Alexandre Mossmann

Luciane de Conti

### **Resumo:**

**Este trabalho tem como finalidade demonstrar a importância da relação com o pai como ser inteiro. A análise foi feita a partir da trilogia original de Guerra nas Estrelas e de um caso que atendi durante o período de estágio. Demonstrando que a percepção do pai como um ser inteiro e a construção de uma relação eu-tu, leva para a cura.**

### **Palavras-chave: Psicodrama; Relação; pai; filho; papéis; guerra nas estrelas**

Este trabalho tem como finalidade abordar a relação pai ausente e filho e como ela pode ser trabalhada dentro da perspectiva do psicodrama de Moreno. Para tanto resolvi elucidar cada tempo do desenvolvimento proposto pelo psicodrama a cada um dos três filmes da trilogia original. Abordarei os sofrimentos que uma relação eu-isso com a figura paterna podem produzir e como uma relação que se constitui a partir do discurso do outro pode produzir um ser incompleto.

Para atingir o objetivo desse escrito, tomarei como exemplo a relação pai e filho que se desenvolve na trilogia original de Guerra nas Estrelas. A ideia é tentar compreender como um jovem Luke, personagem central da trilogia, lida com a situação de não conhecer pessoalmente seu pai genitor, mas o conhecendo a partir do discurso do outro e como os efeitos dessa relação afetam o desenvolvimento de seus papéis como pai e como filho.

A motivação para este trabalho veio do meu interesse em melhor compreender, a partir do psicodrama de Moreno, as relações familiares, principalmente quanto ao seu desenvolvimento, tanto para a doença quanto para a saúde.

Outra grande influência para a realização deste TCC foi um atendimento realizado durante o período de estágio em Psicologia. Este caso que acompanhei tinha alguns elementos semelhantes aos que serão analisados no filme, tais como, a relação com um pai que é construída a partir do discurso do outro.

E uma possível abordagem terapêutica, no caso citado acima, tendo em vista que ambos tem elementos muito semelhantes, e seus principal aspecto é a relação com o pai. Dessa forma propondo para que a relação pai e filho possa se desenvolver a ponto de se tornar uma relação eu-tu (igualitária), ou seja enxergar o outro como um ser inteiro.

Uma segunda motivação foi uma entrevista que assisti com o criador da série, George Lucas, na qual ele fala que muito do seu sucesso vem dessa relação.

Além disso, após uma revisão teórica realizada no scielo com as palavras pai e filho, relação ficou constatado que a relação pai e filho não é um tema muito desenvolvido na bibliografia , o que foi confirmado por um artigo de 2009. (MARIA SGANZERLA, Ilciane; CENTENARO LEVANDOWSKI, Daniela. Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte , v. 16, n. 2, p. 295-309, ago. 2010 .)

Começarei esse trabalho falando da teoria moreniana sobre a constituição das primeiras estruturas. Moreno (1975/2003) chama de primeiro universo o bebê que não consegue diferenciar o que é seu ato e o que vem do outro, denominando esta etapa de “fome de atos”. Na “fome de atos” tudo é experiência, não há um aspecto observador do eu que possa participar do registro do ato, nesse momento a criança é o ato.

O segundo tempo do primeiro universo é a matriz de identidade total diferenciada, em que a criança começa a diferenciar as pessoas e os objetos do mundo externo e do mundo interno. Mas, só se consegue entrar no segundo universo quando se iniciam as experiências de diferenciação de si, para que seja possível a inversão de papéis. No segundo universo da criança os papéis psicossomáticos dão sustentação aos papéis originários (pai-mãe-filho), que serão transformados em papéis sociais, relacionados aos atos de realidade e papéis psicodramáticos, relacionados aos atos de fantasia, pois, a partir das diferenciações entre o eu e o tu, a criança vai desenvolvendo a habilidade de reconhecer suas necessidades e os papéis complementares com os quais irá interagir a fim de satisfazê-las.

Como podemos ver, Moreno traz o conceito de “papéis”. Ele diz que estes são a menor unidade da cultura, os primeiros papéis que adquirimos são os psicossomáticos, os de necessidade física, que são chamados: ingeridor, urinador e defecador. Os papéis sociais que são mais internalizados são o de pai, de mãe e de amigo e são adotados inconscientemente e impostos imperativamente. Também existem os papéis psicodramáticos que são formas

saudáveis de vivenciar outros papéis, muitas vezes papéis que não poderiam ser vividos pelo indivíduo, como uma criança que brinca de papai e mamãe.

### *Entre a fantasia e a realidade*

Para podermos entender melhor essa questão dos papéis, gostaria de compartilhar um caso que atendi durante um de meus estágios, pois se trata de um caso que em muitos aspectos se assemelha com a vida e as dificuldades do personagem Luke no período da sua infância e adolescência. Ambos vem de espaços muito pobres e com pouco acesso a oportunidades. E veremos que o papel de vingador num primeiro momento é o maior motivador de ambos.

J é um menino de treze anos de idade que eu fiz acompanhamento no meu estágio em um SASE. Este acompanhamento foi possível pela lógica teórica do psicodrama de Moreno, que propõe que tudo o que nos constitui vem da relação com o outro (eu-tu, eu-isso).

J é um de 6 irmãos, o segundo mais velho. Sua família é bem desestruturada, sendo a mãe a principal referência adulta. Seu pai foi assassinado quando ele tinha pouco mais de um ano de idade. Depois disso sua mãe teve uma série de outros namorados (referências masculinas) que tem passado pela vida de J.

Toda a sua relação com as figuras masculinas (namorados da mãe) tem sido bem problemática, todos os que J mencionou em terapia eram de alguma forma impositores abusadores ou de alguma forma tentaram humilhar J. Desse modo J. é um menino muito tímido, mas é uma timidez peculiar, ele não tem muita facilidade de criar vínculos com as outras pessoas, sua principal forma de vínculo é pela violência. J tem rápida transição de humor, mesmo quando está calmo ou em um espaço que ele se sinta à vontade, se ele se sente levemente ameaçado sua postura muda muito rapidamente.

A questão da pobreza é eminente. De fato a vila é um local de pessoas muito pobres ou mesmo miseráveis, que têm muitas dificuldades financeiras. Não é diferente para J, mas parece que ele se sente ainda mais minimizado quando se compara aos seus amigos, ele se sente mais pobre do que seus colegas tanto de colégio, quanto amigos ou mesmo do SASE. Fisicamente J é bem grande para sua idade, também muito forte, em outros casos isso deveria dar-lhe uma posição de liderança no grupo em que ele participa, mas ele não tem essa

capacidade. Dificilmente ele consegue se vincular a muitas pessoas ao mesmo tempo, em geral ele se “abraça” a apenas uma pessoa e se alimenta daquela relação.

J claramente apresenta maus cuidados, ele está sempre sujo, com unhas compridas, usa sempre o mesmo casaco e suas roupas quase sempre são velhas. Nada que seja muito incomum para um morador da vila, mas achei importante mencionar.

J tem pouco interesse sexual para um garoto de treze anos de idade, ele raramente fala sobre sexualidade, e quando o grupo entra nessa temática ele fica totalmente esquivo, tenta chamar alguém para o seu lado para fazer outra atividade, não consegue se abrir na frente de outros.

A avó é uma presença bem importante em sua vida, ela sempre vem à tona na sua fala como protetora/cuidadora. O irmão mais velho de J (dezesseis anos de idade) também é uma referência para ele, já que esse irmão trabalha e tem seu próprio dinheiro.

Podemos dizer, a partir dos conceitos desenvolvidos por Moreno, que J não teve um duplo masculino apropriado. Todos os homens que ele relatou em terapia sem ser o seu irmão foram abusivos com ele. Em dois momentos ele me contou sobre um namorado da mãe, que o obrigou a fumar maconha; e quando J atirou o cigarro para longe, ele sofreu uma série de socos e chutes sendo que este homem tentou sufocá-lo. Em outro momento ele me disse que um outro namorado da mãe o obrigou a atirar em uma árvore com uma arma de fogo, dizendo que se não fizesse iria “apagá-lo”.

Dessa maneira todos os exemplos de papéis masculinos em sua vida foram sempre abusadores, agressores, opressores ou de alguma forma negativos. Também para J há o mito de um pai ideal, que na minha opinião é uma das poucas coisas que o mantém estável. Em muitos momentos ele trouxe a tristeza de não ter conhecido o pai, junto com a sua visão idealizada de um homem bom. Seu pai foi morto por uma pessoa que J nunca viu, mas sabe o nome, em terapia ele me disse que se tivesse a chance ele mataria essa pessoa.

Voltando à teoria de papéis, podemos pensar que nunca foi ensinado a J como lidar com as frustrações. É comum nessa vila (e acho que em quase todas) a punição como forma de educação. A punição física é a mais comum. Para J a única maneira de honrar seu pai é matando o seu assassino. O único papel que J consegue assumir nessa situação é o de vingador ou justiceiro.

A semelhança entre a situação de J e do personagem Luke é muito aparente, pois um dos principais motivadores de Luke também é o papel de vingador. Com o império tendo

assassinado seus tios e Darth Vader supostamente assassinado seu pai, Luke toma o papel de vingador, e entra na causa rebelde para a destruição do império galáctico.

Tanto Luke quanto J. tem o papel de vingador como um dos mais influentes na construção do seu Eu.

### *Uma nova esperança, o aquecimento*

Trato todos os momentos relatados do filme “Episódio 4: Uma nova esperança” como se fossem um “aquecimento” para o protagonista Luke, onde foram acolhidas as demandas a serem trabalhadas e o preparou para a hora de ação ou dramatização. O primeiro fato que percebemos sobre o desenvolvimento de Luke aparece no final do episódio 3 “A vingança dos sith”, quando Leia e Luke são separados para a própria segurança.

Leia é escolhida pelo seu pai adotivo, enquanto Luke é levado para a família do seu tio. Mostrarei como este fator é importante para o desenvolvimento de Luke mais a frente. Lars, o tio de Luke, era um fazendeiro pobre e extremamente controlador. Não valorizava o desejo de Luke em se tornar um piloto da resistência rebelde. A origem do controle do Tio sobre as atitudes de Luke vem de uma incapacidade de ver o outro como um ser inteiro, como podemos ver na citação a seguir:

“A palavra eu-tu só pode ser pronunciada pelo ser inteiro. A palavra eu-isso jamais pode ser pronunciada pelo ser inteiro” (BUSTOS, 1974, pg.27). Somente quando um indivíduo percebe o outro como um ser semelhante pode haver uma relação Eu-Tu. Em uma relação Eu-Isso os indivíduos não se percebem como iguais, mas sim como pequenas partes (papéis) ou como coisas de modo que jamais ocorrerá uma relação igualitária.

Também podemos pensar que Luke não foi um filho desejado, mas alguém que caiu como uma obrigação para o casal de tios. Bem como o medo dos tios de que Luke acabasse por se tornar assim como o pai, uma figura temida e que causa grande sofrimento através de seus atos pela galáxia.

Luke demonstra ser um jovem muito pouco hábil ao lidar com as frustrações geradas pelos conflitos com seu tio. Após a compra dos androides C3PO e R2-D2 Luke deve limpá-los antes do jantar, durante o mesmo, Luke pergunta ao tio se com a compra desses novos androides seria possível ele entrar para a academia de pilotos da rebelião. Esse desejo é negado pelo tio, pois, ele diz que precisa muito de Luke e que na próxima temporada ele poderá ir. Luke diz que todos os anos ele recebe essa resposta, se levanta e sai da mesa de

jantar. As suas respostas são muito infantis e de pouca elaboração, podemos atribuir isso à falta de disponibilidade de papéis que Luke tem acesso e à falta de estímulo para desenvolver seus papéis já adquiridos. Moreno (1975/2003) fala que quanto mais papéis estão à disposição do EU, mais saudável ele será. Não devemos confundir com a quantidade de papéis que o EU exerce. Muitos papéis, ou papéis que demandam muito do sujeito, também podem gerar inclinações para a doença e sofrimento psíquico.

Um dado adicional relevante pode ser obtido no livro oficial do filme, não sendo retratado na película. Luke, um jovem sonhador, não era aceito pelos amigos que o ridicularizavam com frequência, tendo apenas como amigo um piloto da rebelião chamado Biggs, que de fato aparece no quarto filme no ataque à Estrela da Morte.

Um dos androids R2-D2 foge durante a noite, e Luke e C3PO (outro androide) saem em sua busca pela manhã. Neste momento Luke encontra Ben (Obi Wan-Kenobi) que o salva do ataque de criaturas do deserto.

Eles tomam refúgio na casa de Obi Wan-Kenobi, se recuperam e ouvem a mensagem deixada pela princesa Leia, que pede que ele leve esse andróide a Alderaan, porque ele contém informações cruciais para a aliança rebelde, então começam a conversar sobre o pai de Luke. Obi-wan entrega um sabre de luz a Luke e diz que seu pai queria que o tivesse quando tivesse idade para manuseá-lo. É a primeira vez que é mencionado que Anakin (pai de Luke) era um jedi. Obi Wan traz elementos que influenciam Luke a construir uma imagem idealizada de pai, como alguém que era muito bondoso com grande senso de justiça e com grandes habilidades de pilotagem. Luke pergunta o que aconteceu com seu pai, Obi Wan diz que ele foi morto por outro Jedi chamado Darth Vader, que também foi seu discípulo. Essas informações ajudam a preencher as lacunas deixadas pelo ambiente de falta de informações criado pelo Tio.

Para Bustos (1974): “em uma sociedade de classes, os papéis não dependem tanto da capacidade do indivíduo quando de um pré-condicionamento social, do acesso aos recursos”.(BUSTOS pg.34). Com essas novas informações Luke pensa em outras possibilidades para si. Uma vez que Luke estaria destinado a se tornar fazendeiro, pois este era um dos poucos papéis que estavam disponíveis para ele no contexto social em que ele vivia.

Então o papel de vingador mais o desejo de seguir os passos do pai motivaram Luke a unir-se à aliança rebelde, o que é uma analogia ao seu crescimento e desenvolvimento de sua autonomia, mas também demonstra o seu desejo pelo combate e pela guerra.

Luke e Obi Wan encontram os mercadores que lhe venderam os andróides mortos. Eles rapidamente presumem que foi o império galáctico que havia cometido tamanha atrocidade, Luke corre para casa e encontra seus tios mortos. Sem ter para onde voltar e motivado a se tornar um Jedi e vingar a morte de seu pai eles partem para Mos Eisley, uma cidade em que eles iriam procurar um transporte que pudesse os tirar do planeta pobre de Tatooine e levá-los a Alderaan.

Eles foram procurar por uma nave em um bar, onde dois autoproclamados criminosos começam a ameaçar Luke, mas Obi Wan intervém e tenta resolver a situação pacificamente, mas eles são atacados. Luke cai no chão e Obi Wan os combate e vence. Podemos perceber nesta cena uma das principais funções do Ego-auxiliar, que é demonstrar novas respostas para que o protagonista as use em situações futuras dando margem, também, para que o protagonista crie as suas próprias respostas. E também que o ego-auxiliar pode fazer aquilo que o protagonista ainda não tem condições de fazer por si só.

No bar encontram um contrabandista espacial Han Solo e seu parceiro Chewbacca, que aceitam o trabalho de levá-los a Alderaan. Entretanto as tropas imperiais tentam impedir que eles escapem, mas a Millennium Falcon, nave de Han Solo, consegue fugir. Em uma outra cena podemos perceber uma outra função do Ego-auxiliar.

A partir da cena que irei descrever a seguir podemos ver como um novo papel demora a tomar forma no indivíduo. Em uma cena de treinamento com a Força (no como se ou jogo) que ocorre na nave espacial Millennium Falcon, Luke deve bloquear alguns “blasters” com seu sabre de luz. Ao cometer seu primeiro erro, Luke tenta desistir, o que seria a sua resposta mais natural, mas Obi-wan o acalma e o motiva (ego auxiliar) a tentar novamente, coloca um capacete que bloqueia sua visão e o instrui a acreditar em si mesmo. Luke consegue fazer os bloqueios dessa vez. Dessa forma Luke começa a construir novas respostas, e consequentemente a afirmação desse novo papel. Esta cena demonstra como o Ego-auxiliar ajuda o sujeito a ressignificar os seus papéis através da ação ou jogo.

De acordo com Monteiro (1994), o homem sempre buscou compreender o Universo através da ação e representação de papéis. Essa necessidade de ação sempre esteve presente desde o surgimento da sociedade humana, e ela é conhecida e manifestada através do jogo.

Portanto, o jogo carrega em si um sentido de significação, mais do que somente jogar por jogar, é como se existisse uma coisa “em jogo” que supera as necessidades cotidianas da vida. A criança demonstra esse sentido pois uma das coisas que mais procura fazer é a atividade lúdica, elas querem poder criar uma realidade, desempenhar novos papéis, aprender coisas novas, e além disso, costumam fazer de uma forma natural e muito prazerosa. Criando uma nova realidade (faz de conta), a criança apresenta pleno domínio da situação que está criando, transitando entre realidade e fantasia, é capaz de elaborar seus medos e ansiedades. Este domínio em conseguir passar com muita facilidade da fantasia para realidade e vice-versa, assegura à criança uma habilidade em dar respostas rápidas a situações novas ou respostas novas a situações já conhecidas, habilidade esta que não pertence somente à cognição ou instinto, essa habilidade é conhecida como espontaneidade.

Monteiro (1994) conceitua o jogo como uma atividade que permite o ser humano expressar livremente o seu mundo interno, onde suas criações são representadas na forma de um papel, por uma determinada atividade corporal ou pela produção mental de uma fantasia. A essência do jogo é puramente a espontaneidade, que permite surgir no jogo um sentido de liberdade, possibilitando que o homem possa viajar no mundo de sua imaginação, e através dele, descobrir e recriar novas respostas e forma de atuação. Para Motta (1994, p. 38), “o jogo dramático é a ação da realidade suplementar, onde a unidade criativa pode estar presente....a mão humana que lhe dá a direção e que define a ética de seu uso”.

Enquanto isso, a Princesa Leia é torturada na gigantesca estação espacial chamada Estrela da Morte, para confessar onde é o local da base rebelde. Mas diante de sua resistência, o oficial do Império Grand Moff Tarkin e Darth Vader decidem explodir o seu planeta natal Alderaan, demonstrando assim o poder de fogo estrondoso da Estrela da Morte. Ao chegar até aos destroços do que restou do planeta, a Millennium Falcon é atraída para a Estrela da Morte por um raio trator. Os tripulantes se escondem no compartimento de carga, usado por Solo para transporte de mercadorias contrabandeadas. Dentro da Estrela da Morte, eles conseguem se disfarçar de Stormtroopers e localizam a cela em que a Princesa é mantida, enquanto Obi Wan desativa o raio trator que impede a decolagem da nave. Enquanto Han Solo, Luke, Chewbacca e os dróides libertam a Princesa e fogem para a nave, Obi Wan enfrenta Darth Vader, seu antigo aprendiz, em um duelo de sabres-de-luz. Obi Wan é morto. Nesse momento Luke é tomado pelo desejo do combate, começa a atirar contra os soldados do império, mas a voz de Obi Wan fala em sua cabeça, “corra Luke”. Entendo essa cena como a demonstração



da internalização dos ensinamentos feitos pelo Obi Wan (ego-auxiliar) a Luke, evidenciando que ele aos poucos vai construindo suas novas respostas mais adequadas às situações. Podemos perceber isso em outra cena também.

Após fugirem da estrela da morte, a equipe se une a aliança rebelde e prepara um ataque que seria capaz de destruir a gigantesca estação espacial.

Durante o ataque Luke está pilotando por um estreito corredor e seu objetivo é atingir um alvo de apenas 2 metros de largura, que resultaria na explosão da estação espacial. Luke escuta a voz de Obi Wan, que pede para ele “usar a Força e confiar em seus sentidos”, então ele desliga o computador da nave que monitora a mira. Ele atira no momento certo. A Estrela da Morte explode.

Entendo todo o primeiro filme como um aquecimento, pois são ouvidas as demandas do protagonista, as potências são evidenciadas, assim prontificando o protagonista para o processo de dramatização.

### *O império contra-ataca, o combate dos medos internos*

No segundo filme “O império contra-ataca”, Luke assume uma função de liderança dentro da aliança rebelde, após a destruição da estrela da morte ele é condecorado à comandante. A aliança rebelde se refugia no planeta gelado de Hoth, Luke é atacado por uma criatura das neves, depois de escapar ele recebe uma mensagem de Obi Wan de que ele deveria ir para o planeta de Dagoba para continuar o seu treinamento. Após um ataque do império galáctico à resistência rebelde, Luke vai para Dagoba continuar o seu treinamento.

Na sua chegada ao planeta de Dagoba a sua nave fica atolada no pântano o prendendo no planeta, evidenciando a sua inabilidade de lidar com a frustração gerada pelas dificuldades. Esse é um processo bem comum dentro da terapia do psicodrama, colocar o protagonista em situações em que as suas respostas mais frequentes ou seus papéis mais latentes possam ser trabalhados, sempre evidenciado a partir do que o protagonista escolhe como importante.

Relaciono o treinamento nesse planeta com o momento de dramatização do psicodrama, pois Luke trabalha suas questões internas através da ação no contexto do “como se” ou contexto dramático. Este treinamento se constitui de vários exercícios físicos e mentais. Seu treinamento é guiado por Yoda, um antigo mestre Jedi. Ressalvo que entendo os

treinamentos como jogo, ou “como se”, pois ambos têm a mesma função de representar aquilo que não pode ser vivenciado. Neste caso, é importante exaltar os contextos e instrumentos da teoria do psicodrama para entender como ocorre o processo terapêutico.

O Contexto se refere ao encadeamento de vivências coletivas e privadas de indivíduos que se relacionam numa reserva espaço-temporal. São três os contextos do Psicodrama: social, que é constituído pela realidade social tal “como é”, pelo espaço concreto (geográfico) e pelo tempo cronológico. Inseridos nesse contexto se encontram também as normas culturais, econômicas e políticas que influenciam e disciplinam a forma de viver do indivíduo. Além disso, encontram-se também a Matriz de Identidade, a qual forma os primeiros papéis do indivíduo, e o Átomo Social do mesmo. Diversos relatos e vivências psicodramáticas dos clientes referem-se a esse meio social no qual está inserido.

O contexto grupal é constituído também pelo tempo cronológico dentro de um intervalo pré-estabelecido e pelo espaço concreto, contudo, ele acontece e é permeado pela realidade grupal de um determinado grupo, que apresenta situações e objetivos definidos. Fazem parte: diretor, egos-auxiliares e participantes do grupo. São eles que constroem os vínculos e tramas do contexto grupal, o co-inconsciente grupal se faz presente. A Sociodinâmica e a Sociatria são responsáveis por estudar esse contexto, buscando traduzir a dinâmica e objetivos do grupo.

O contexto dramático é constituído pela realidade dramática no “como se”, pelo tempo fenomenológico, subjetivo, atemporal, virtual, construído sobre espaço concreto, devidamente marcado. Portanto, nesse contexto, tudo que ocorre vem do imaginário e da fantasia. Segundo Moreno (citado por Gonçalves, 1988, p.99) o sonhador, o ético, o pecador, têm oportunidade de expressar e construir sua história em um ambiente protegido. (GONÇALVES, 1988)

Quanto aos Instrumentos, existem cinco instrumentos do método psicodramático: o palco, o cliente/sujeito, ego-auxiliares, o diretor e o público/plateia (MORENO, 1975).

- Cenário/Palco: é o espaço onde o contexto dramático acontece. É nele que o Diretor atua e o Protagonista se manifesta, é o lugar onde tudo é permitido, onde se pode construir e reconstruir e tentar achar novas respostas, conhecido por “como se”. No palco, o paciente poderá experimentar um espaço vivencial flexível e liberto de expectativas da realidade social. Nesse contexto, realidade e fantasia não estão em

conflito, visto que ambos podem ser expressos psicodramaticamente em objetos, pessoas, eventos.

- O segundo instrumento é o sujeito ou cliente (conhecido também como Protagonista): é ele quem representa e atua seu próprio mundo privado, diferente de um ator em palco, que tem que compelir seu eu privado em um papel, o cliente é instruído para ser ele mesmo. O cliente ou protagonista que constrói o cenário dramático vai desempenhando papéis, expondo sentimentos e conflitos. Aquecido devidamente, o sujeito passa a relatar o seu cotidiano e tensões através da ação, buscando transcender o nível verbal de expressão.
- O terceiro instrumento é o Diretor, que apresenta três funções específicas: Produtor (deve estar atento às pistas do protagonista e estabelecer o caminho com os objetivos estabelecidos, podendo sugerir alterações a fim de auxiliar o Protagonista em seus insights); Diretor/Terapeuta (enfrentar e direcionar o sujeito, podendo ser mais ativo ou mais permissivo, dependendo do que avaliar necessário. Ele também tem como função dirigir o ego-auxiliar, devendo estar atento à dinâmica do Protagonista e do grupo); Analista social (analisa e expressa sua opinião, complementando a leitura do Protagonista, Ego-auxiliar e plateia).
- O quarto instrumento é o Ego-auxiliar: atua como intermediário do Protagonista e Diretor. Apresenta três funções: Ator (representa papéis determinados pelo Diretor ou Protagonista); Guia Terapêutico (mantém o Protagonista aquecido no contexto dramático, agindo como facilitador de insights e recebendo orientações do Diretor); Investigador social (analisa e registra dados do contexto grupal e dramático, auxiliando na visão sistêmica do Diretor).
- O último instrumento é o Público que é composto pelos demais participantes da sessão psicodramática, e que após a dramatização do protagonista podem compartilhar sentimentos ou experiências como uma caixa de ressonância vivida no momento da dramatização. Por mais distante que seja a vivência do protagonista é importante que o público demonstre aceitação de seu drama para poder ajudá-lo e compreendê-lo. Já quando o público é ajudado pelo próprio protagonista, a situação se inverte, visto que os dramas coletivos são representados no palco.

Diniz (2000) aponta, portanto, que o protagonista é o porta voz do drama; o grupo acompanha, confere, valida ou não as emoções pessoais envolvidas na encenação; os ego-auxiliares desenvolvem o papel de ator, cujo ingresso deve se dar na cena, como participante ativo do enredo.

No caso do filme relacionamos Dagoba como cenário/palco, Luke como protagonista, Yoda como diretor, e R2-D2 como plateia. O Ego-auxiliar no caso do psicodrama bipessoal pode ser incorporado pelo próprio diretor ou por objetos, no caso aqui entendo que algumas vezes a Nave atolada no pântano pode ser considerada um ego-auxiliar. Yoda se comporta como terapeuta infantil, ensinando a lidar com os sentimentos internos e sanando dúvidas, o que nós chamamos no psicodrama de alfabetização emocional. O psicodramatista infantil muitas vezes se comporta como Ego auxiliar, ajudando a criança a fazer aquilo que ela não consegue ou tem dificuldade.

Podemos ver isso em vários momentos do filme, mas antes irei revisar alguns conceitos básicos para o entendimento das cenas que irei descrever na sequência.

#### Montagem e Desenvolvimento de Cenas (BUSTOS, 1974)

1. Montagem: o primeiro elemento que se deve realizar numa dramatização é a montagem do cenário, a construção e colocação dos elementos constituintes da cena em questão. Deve-se procurar enfatizar aspectos mais abstratos, tais como *espaço e tempo*, do que aspectos concretos. Algumas perguntas que o Diretor deve fazer para compor esse cenário são: onde ocorre essa ação? Que ano é esse? Quando a ação transcorre? Qual a idade do protagonista? O que está acontecendo com o país e sua família nesse momento? Como está vestido? São essas perguntas que levarão a veracidade da cena, pois recria-se ali naquele espaço dramático o tempo, este que se torna presente e real ao protagonista.
2. Investigação: compreende-se que essa etapa consiste em pesquisar e produzir a cena, visto que agora é momento de entender qual o assunto a ser trabalhado. Para isso, é importante que em primeiro lugar coloque os personagens e egos-auxiliares em seus devidos papéis. Para cena iniciar precisamos perguntar: quem é que inicia a ação? A partir daí o protagonista pode dizer que é ele mesmo ou outro personagem, quem quer que seja, o Diretor dá a instrução de diga e faça o que está pretendendo. O ego-auxiliar procura se manter presente e atento ao que está acontecendo na cena para quando for necessário realizar a troca de papéis. A

primeira mudança de papéis é informativa, se procura conhecer o outro através do desempenho de papel. Busca-se aprofundar as características do personagem através do solilóquio, o qual pode surgir sentimentos e expressões afetivas que estavam contidas, a entrevista do protagonista com seu papel complementar também é bem utilizada nessa fase, pois pode trazer a história e vínculo entre protagonista e outros personagens. Surge então o foco a ser trabalhado, que é apontado através da concretização. Nesse momento é importante que os egos-auxiliares desempenhem dramaticamente os diversos sentimentos e expressões do protagonista. Nessa etapa o foco trabalhado é localizado e se dá o próximo passo na dramatização.

3. Elaboração: o surgimento de sentimentos e elementos imaginários abre a possibilidade para evoluir na cena. Para isso ser possível, se busca investigar a relação estímulo-resposta, a qual permitirá verificar se a dificuldade/foco de trabalho está baseado em um conflito da interação que está sendo dramatizada ou se refere a uma experiência anterior (geralmente ligada à matriz de identidade do protagonista). A elaboração das dificuldades e defesas ligados ao foco do trabalho começam a ser conscientizadas pelo protagonista, que vai se dando conta através das concretizações realizadas no contexto dramático. O objetivo essencial dessa etapa é abrir a possibilidade de alternativas.
4. Resolução: às vezes as alternativas não aparecem devido a um bloqueio profundo do protagonista. Nesse caso, o foco se volta para esse bloqueio ou defesa. O grupo também pode sugerir alternativas e finalizar uma dramatização, não significa que ela está encerrada, a mesma cena pode ser vivenciada novamente com uma outra resolução possível. Em alguns casos, é importante mantê-la aberta, sem forçar saídas e procurar trabalhar essa defesa no processo terapêutico ou em outras cenas. Não devemos confundir essa etapa com *happy ending*, nem mesmo procurar forçar isso nas cenas. Quando é necessário realizar uma finalização de um desejo que não é possível pode-se criar uma realidade suplementar, que muitas vezes auxilia modificar tensões, porém isso deve ser avaliado pelo Diretor se de fato, para o cliente, irá auxiliá-lo ou se ainda existem outras possibilidades.

## Técnicas Básicas

As técnicas básicas do Psicodrama são as que têm sua base nas fases do desenvolvimento da Matriz de Identidade. Existem três momentos importantes no desenvolvimento da matriz de um indivíduo. Na primeira fase, Estágio de Identidade total ou Identidade do Eu, a mãe, o mundo e a criança constituem uma identidade inseparável. A criança depende de alguém que a ajude para sua sobrevivência, necessita de um ego-auxiliar que faça por ela o que ainda não consegue fazer por si mesma. Por essa semelhança, Moreno chamou essa fase como a fase do Duplo. A técnica fundamentada nesse estágio é a Técnica do Duplo, onde no Psicodrama, o ego-auxiliar ou Diretor expressa, em algum momento necessário, aquilo que o protagonista não está conseguindo se dar conta. Para isso, o ego-auxiliar deve adotar a postura corporal do protagonista, buscando ter com ele uma sintonia emocional. Surgem então perguntas, sentimentos e ideias, as quais o protagonista se identifica, possibilitando novos insights no protagonista.

Yozo (1996) também explica de que forma utilizar essa técnica na primeira fase. Para ele o grupo ou participante se vê misturado no outro, precisando do suporte do mesmo para identificar suas próprias necessidades e emoções. Por isso, se indica utilizar a técnica do duplo a fim de que o ego-auxiliar possa captar as emoções e pensamentos do Protagonista e reproduzi-las para que este as identifique.

Já na segunda fase da Matriz de Identidade, Reconhecimento do Eu, a criança concentra atenção em outra pessoa e estranha parte de si mesmo, quando ela se olha em uma superfície de água ou espelho, a criança fica atraída com o que vê, ainda não consegue se reconhecer totalmente, mas aos poucos vai percebendo que o espelho repete seus movimentos e então passa a se dar conta de que a imagem espelhada é ela mesma. Esse momento é muito importante no processo de desenvolvimento e individuação da criança, e por isso Moreno se embasou nessa vivência para construir a Técnica do Espelho. Através dessa técnica, um outro indivíduo, ego-auxiliar, assume o lugar do protagonista, assumindo o lugar e comportamento do mesmo e o ajudando a se ver de uma outra forma. Aqui o protagonista torna-se um espectador de si mesmo.

Na terceira fase, Reconhecimento do Outro, o indivíduo já tem maior segurança e reconhecimento de si mesmo e é capaz de se colocar no lugar do outro. Por isso, já se pode utilizar da técnica de inversão de papéis (quando o ego representa o papel do protagonista e vice-versa), propiciando o reconhecimento do outro. (YOZO, 1996).

É a partir dessas três técnicas básicas, duplo, espelho e inversão de papéis, que surgem as outras técnicas, pois qualquer outra técnica possui um pouco de princípio destas. Como por exemplo, a Técnica do solilóquio, conhecida como uma técnica verbal que ajuda expressar níveis mais profundos do mundo interpessoal do protagonista. Como se fosse a fala do protagonista consigo mesmo, dar voz ao que está se passando por dentro (sentimentos, pensamentos relacionados a alguém ou a situação vivenciada).

Voltemos agora à descrição e análise das cenas. Na chegada de Luke ao pântano de Dagoba, Yoda finge ser apenas um habitante daquele planeta, faz muitas perguntas, bagunça as coisas da nave. Em certo momento Yoda diz que sabe onde o grande mestre Jedi está e que o levará até ele, mas esse trajeto demora muito com muitas paradas e isso deixa Luke muito frustrado e irritado.

Conecto essa cena diretamente com a segunda etapa do desenvolvimento da cena, pois claramente há uma exploração dos motivos que o trouxeram até esse lugar, instigando e tensionando o protagonista para melhor entender como irá ocorrer o processo dramático. A primeira etapa já havia acontecido, pois o pântano como um todo é o cenário.

Em outra cena, após algum tempo de treinamento, Luke sente uma energia diferente vinda de um lado do pântano em que ele ainda não havia ido. Yoda recomenda que ele vá desarmado, pois suas armas de nada adiantarão lá. Relaciono esse primeiro momento com expor para si mesmo algo que não está acessível ao consciente. Como quando um cliente escolhe um assunto a ser trabalhado na terapia, mas não sabe muito bem o que fez escolher este assunto, mas sabe que deverá tocar nesse tópico em algum momento da terapia. E levar a arma está relacionado com o papel de vingador que se mantém como seu principal motivador até o momento.

Chegando a uma caverna Luke encontra Darth Vader, levanta seu sabre de luz e parte para o combate. Há uma luta muito breve e Luke vence cortando a cabeça de seu oponente. Quando o capacete/máscara de Darth Vader vai no chão ele explode revelando a face antes escondida dentro dele. Para a surpresa de Luke é o seu próprio rosto que se encontra dentro do capacete.

Percebo essa cena como se fosse uma aplicação da técnica da inversão de papéis, mostrando para o protagonista que o seu desejo de vingança acabaria por destruir a si mesmo.

A caverna representa todos os medos, receios e desejos destrutivos que habitam Luke. Também simula o seu destino se ele deixar ser dominado por esses sentimentos. Os ensinamentos Jedi dizem que medo, raiva, ódio levam ao lado sombrio da força. Com isso, podemos pensar que a dedicação de um sujeito a apenas um papel pode levar ao sofrimento psíquico, pois tendo apenas um papel, há apenas um ideal de eu possível, sendo que todos os desejos e anseios do sujeito serão depositados nesse papel, levando ao sofrimento psíquico. Essa cena mostra a Luke que apenas o desejo de vingar a morte de seu pai não será o suficiente para transformá-lo no cavaleiro Jedi que ele tanto deseja

Após essa cena Luke volta mais comprometido e dedicado aos treinamentos fazendo uma analogia dos benefícios das técnicas bem executadas. Ainda durante o seu treinamento em Dagoba, Luke está de cabeça para baixo, fazendo um treinamento de telecinese, levantando várias pedras e até mesmo o R2-D2. Durante esse treinamento Yoda manda se concentrar, pois assim ele conseguirá ver o passado e o futuro. Logo em seguida Luke vê seus amigos que ele deixou para trás para buscar o treinamento. Ele sente o perigo que se aproxima de seus amigos. Um conflito surge em sua cabeça, abandonar o treinamento para ajudar os seus amigos, ou continuar e deixar que eles cuidem do seu próprio destino.

Podemos perceber esta cena com o uso da técnica do solilóquio, pois quando Yoda pede que se concentre e veja o passado e o futuro, entendo como uma analogia de o que é importante para Luke nesse momento. Muitas vezes entender os seus próprios sentimentos pode ser bem difícil, por isso a técnica do solilóquio pode ajudar a decifrar o que está escondido no emaranhado de desejos.

Luke decide ir ajudar seus amigos e abandonar o seu treinamento momentaneamente. Essa é a primeira vez que Luke toma uma decisão por conta própria, enfrentando a orientação de seu mestre, mas de uma forma construtiva, demonstrando que o resultado de seu treinamento tem desenvolvido sua autonomia e sua espontaneidade.

Na chegada à Cidade das nuvens, Han e o resto é bem-vindo por Lando. Mas há vários elementos que fazem com que aquilo fosse suspeito, incluindo o fato de C-3PO ser descoberto inativado, desmembrado e quase reciclado. Naquela noite, Luke e R2 se prepararam para ir embora de Dagoba e partem para a Cidade das Nuvens em seu X-Wing. Um dia depois, Han e companhia se veem traídos por Lando Calrissian, que foi intimidado pelo Império antes da chegada dos Rebeldes e foi ameaçado se não cooperasse. Eles se



tornaram prisioneiros de Darth Vader, que os tortura para criar uma perturbação na Força para que Luke sentisse.

Naquela noite, Vader entrou em uma câmara de congelamento de carbono querendo congelar Luke Skywalker assim que chegasse. O Lorde Negro usa a oportunidade de testar o aparelho, pois Boba Fett precisava entregar Solo para Jabba o Hutt (a quem Han Solo estava endividado). Han e companhia entram na câmara para o experimento. De primeira, Chewie resiste aos stormtroopers, mas Han retém ele, poupando sua força para uma outra hora. Han diz adeus a Leia com um beijo antes que fosse descido para o congelamento. Quando ele se congela de forma bem sucedida ainda em estado de hibernação, Vader o entrega para o caçador de recompensas para que este o leve para Tatooine, onde Jabba estava. Um dos comandantes Imperiais informa Vader que o caça de Luke chegou à Bespin. O Lorde Negro ordena que irá levar Leia, Chewie, e C-3PO para seu Destróier Estelar, quebrando um acordo que fez com Lando. Mas o administrador de Cloud City tinha outros planos.

Luke abre caminho em Bespin sem problemas, e após descobrir a placa de carbonita de Solo ele escapa de uma batalha de armas com Boba Fett. Deixando R2 para trás, ele chega à câmara de congelamento de carbono. Lá, ele encontra Vader e os dois lutam em um duelo de sabres de luz épico, onde as habilidades não-desenvolvidas não são páreos para Vader. Durante vários momentos da luta Vader faz elogios às habilidades de Luke, diz que Obi-wan o treinou bem.

Os Imperiais (escoltando os prisioneiros Rebeldes para fora de Bespin) são rendidos pela segurança de Cloud City, livrando Lando e os outros. Lando diz que ainda há uma chance de salvar Han, na Plataforma Leste. C-3PO se reúne com seu companheiro R2. Lando e os outros chegam muito tarde, com a nave de Fett decolando, e então começando uma batalha contra outros stormtroopers.

Luke e Vader continuam sua batalha de sabres de luz no centro de Cloud City. Vader usa o Lado Sombrio da Força contra Luke, eventualmente o jogando para uma das plataformas de emergência.

Com a batalha continuando lá fora, Lando ordena uma evacuação de Cloud City, e então eles vêem sua última chance de escapar... a Millennium Falcon.

Na fase final do duelo de sabres de luz, Vader consegue cortar a mão direita de Luke, que então cai (junto com o sabre de luz que ela segurava) no abismo. Vader revela a Luke que ele é seu pai. Luke grita em negação e recusa. Vader tenta persuadir Luke a se juntá-lo e vir

para o Lado Sombrio para derrotar o Imperador. Mas Luke escolhe o suicídio ao invés de se corromper e se joga no abismo.

Com essa batalha, Luke descobre que seu pai ainda estava vivo e não se parecia nada com a imagem que tinha construído dele. Ele não era um grande cavaleiro Jedi que lutava pela justiça e havia sido traído, mas sim alguém que parecia deliberadamente se unido ao lado sombrio da força. Quando o papel de vingador não tem mais seus fundamentos, Luke se vê sem destino.

Ao se jogar no abismo, Luke é sugado pela ventana de ar e cai no fim da cidade, chegando à última antena abaixo de Cloud City. Ao se deparar com a morte, Luke tentou pedir ajuda à Leia. Leia sente o pedido de ajuda de Luke telepaticamente. O Falcon volta para Cidade das Nuvens. Usando uma escotilha de escape, Lando segura Luke e o salva. Esta cena pode ser considerada um exemplo de que colocar todos os seus desejos em apenas um papel pode levar à doença.

Aos saírem da Cidade das Nuvens eles encontram caças TIEs os perseguindo. O Falcon finalmente escapa do campo gravitacional de Bespin e está quase entrando no hiperespaço quando o sistema de hiperpropulsor de novo falha. Enquanto os Imperiais perseguem o Falcon, o machucado Luke ouve a voz de Vader o chamando. Ele então pergunta para si mesmo, "Ben, porque você não me contou?". C-3PO comanda R2-D2 enquanto este vai o reconstruindo. Mas, com uma pequena ingenuidade, R2 consegue arrumar o sistema hiperpropulsor bem na hora para fugir para o hiperespaço. Vader se desaponta e volta para seu quartel secreto em seu Destróier Estelar, ignorando a falha de Piett.

O filme acaba numa fragata médica no ponto de reunião da Frota Rebelde, onde Luke tem sua mão substituída por uma protética. Lando e Chewie começam a planejar sua missão mais perigosa... resgatar seu amigo Han Solo. Lando promete a Leia que eles irão trazer de volta o homem que ela ama. Luke, Leia e os droides olham enquanto o Falcon parte para territórios desconhecidos. Seus futuros e destinos estão incertos agora. Mas o tempo chegará quando tudo ficará resolvido.

### *O retorno de Jedi, A aceitação do EU*

Já o terceiro filme "O retorno de Jedi" pode ser entendido como um grande processamento, pois não há mais cenas de treinamento, mas sim processos de entendimento

da realidade. Onde o desenvolvimento de Luke parece ter acontecido em uma velocidade surpreendente, mas há uma motivo que ficará mais evidente no decorrer da análise do último filme da trilogia original.

Luke Skywalker (que não terminou o treino Jedi) e a Princesa Leia vão a Tatooine ao resgate de Han Solo, mantido prisioneiro por Jabba o Hutt, um perigoso gangster intergaláctico. Enquanto isso, o Império reconstrói secretamente uma nova Estrela da Morte na lua de Endor ao mesmo tempo que o Imperador esboça um plano para acabar com a Aliança Rebelde de uma vez por todas. Darth Vader, sob as ordens do Imperador prepara-se para reencontrar e trazer o seu filho à sua presença, para este último poder assim consumir o seu objectivo de destruir a Aliança Rebelde e o último cavaleiro Jedi de um só golpe.

Após resgatar Han Solo, a Aliança Rebelde, que recentemente havia obtido informações sobre o projeto para a nova Estrela da Morte engendra um plano para sufocar a agenda imperial: estando as esqueleto metálico da nova Estrela da Morte ainda parcialmente construído e apenas ligeiramente protegido por um escudo defletor interplanetário, emitido através da lua de Endor, a partir da qual a estação semi-construída orbita, uma pequena equipe de assalto deverá supostamente passar o bloqueio planetário através de códigos imperiais fornecidos pela rede de espionagem Bothan, desativar a estação emissora do escudo defletor e aguardar a chegada da frota rebelde para finalizar a destruição da Estrela da Morte antes de esta atingir o nível de funcionalidade para se auto-defender. Contudo a Aliança Rebelde cai numa armadilha feita pelo próprio imperador, pois tanto a informação do estado atual da nova Estrela da Morte como os códigos de entrada na lua eram parcialmente falsos, com o objectivo de atrair a frota principal da aliança rebelde à sua destruição. Ainda assim o pequeno transporte consegue passar o bloqueio e infiltrar-se na lua de Endor.

É lá que os rebeldes conhecem os Ewoks, uma raça de seres semelhantes a pequenas ursos, com um estilo de vida ainda primitivo e organização social tribal. Contudo os Ewoks mostrar-se-iam essenciais para a destruição da central emissora, inicialmente protegida por uma legião das melhores tropas imperiais que, segundo o imperador, já aguardavam o assalto rebelde. Através de variadíssimas armadilhas e táticas de emboscada, os nativos Ewoks conseguem surpreender as fileiras imperiais e, juntamente com o pequeno exército rebelde, tomar a estação emissora do escudo defletor que é detonada em seguida.

Enquanto isso, a frota rebelde se encontrava no espaço próximo da lua de Endor, pronta a atacar a estação espacial desarmada, caindo em cheio na armadilha montada pelo Imperador. E Lando Calrissian, a bordo da Millennium Falcon, por perceber a tempo que a inatividade dos caças imperiais próximos à Estrela da Morte era suspeita avisando o Almirante Ackbar a se retirar com as naves para uma distância segura. Uma descarga

proveniente da própria Estrela da Morte que destruiu um cruzador Nebulon, revelaria por fim a verdadeira natureza da armadilha - a aniquilação completa da Aliança Rebelde.

Em quanto o assalto à estação emissora em Endor, Luke Skywalker, ciente do que o seu destino lhe reserva, decide entregar-se e enfrentar Darth Vader que se havia revelado seu pai. Luke, previamente avisado por Yoda que a sua prova de fogo para justificar o seu título de Cavaleiro Jedi seria enfrentar Vader, vislumbrava agora uma réstia de luz e bondade no coração do seu pai, enclausurado dentro da horrível armadura mecânica. Luke tentará ainda persuadir o pai a ouvir a sua consciência, mas segundo as palavras do próprio "Agora é tarde demais para mim, filho". Vader levará assim o filho à presença do Imperador Palpatine onde segundo as suas palavras, Luke "se converterá ao lado sombrio ou morrerá".

O enfrentamento do pai pode ser vista como uma analogia ao próximo passo terapêutico, pois todo o processo girou em torno dos papéis produzidos por essa figura paterna, que foi construída a partir do discurso do outro.

A partir desta cena podemos ver como Luke dá respostas mais construtivas. E também deixa de perceber o pai como um Isso, e começa a percebê-lo como um Outro. Aceitar que o pai é uma figura complexa para além de ser exclusivamente positiva ou negativa. Confrontando a assustadora presença do próprio Imperador, Luke Skywalker é então constantemente tentado por este a usar a sua raiva para o atacar, completando assim a sua viagem para o lado sombrio da Força. Luke manterá a sua compostura ainda durante algum tempo, mas após a revelação da armadilha em que a frota rebelde mergulharia assim que entrasse na órbita da lua, por parte do próprio Imperador Palpatine, seguida da primeira descarga da nova Estrela da Morte que começará a dizimar a frota rebelde, Luke cego de raiva tentará atacar o Imperador com o seu sabre de luz propositadamente posto ao alcance do mesmo, pelo próprio Palpatine. Vader bloqueará este ataque direto ao seu mestre e assim pai e filho começaram o duelo que decidirá o futuro da galáxia à medida que o lado sombrio da Força cresce. Apesar de Vader ser um lutador excelso, este não resistirá à perícia e agilidade das novas habilidades adquiridas pelo seu filho alimentadas e duplicadas pela raiva passional

com que este se encontrava no momento. Luke derrotará assim o seu pai decepando a sua mão esquerda.

É contudo neste momento que o destino dá mais uma reviravolta: ao contemplar a verdadeira natureza mecânica da mão decepada do seu pai, Luke ver-se-á assim à luz do seu próprio reflexo comparando a sua mão esquerda, também biônica, com a do seu pai, como uma representação do próprio Lado sombrio da Força, ou seja, um poder facilmente adquirível mas horrivelmente deformado a nível interno ainda que exteriormente invisível. Assim num lapso de consciência, Luke recusar-se-á a matar o seu pai e a ocupar o seu lugar como previsto pelo Imperador, declarando de seguida os planos do imperador haviam falhado.

Esta cena nos faz voltar à cena da caverna, pois na caverna Luke havia “dramatizado” que a destruição de Vader seria a sua própria destruição. Nesse momento ouve um catarse de integração, conforme sugerido Gonçalves, Wolff, Almeida (1988, pg.81,82):

É a mobilização de afetos e emoções ocorridas na inter-relação, télica ou transferencial, de dois ou mais participantes de um grupo terapêutico, durante uma dramatização. Possibilitando a um ou mais desses participantes a clarificação intelectual e efetiva das estruturas psíquicas que o(s) impedem de desenvolver seus papéis psicodramáticos e sociais, abrindo-lhe(s) novas possibilidades existenciais.

Para Moreno, esse é o fenômeno que dá o verdadeiro sentido (valor) terapêutico ao psicodrama. O termo vem da ampliação da catarse comentada por Aristóteles, que era o efeito do drama no público, como ocorria na tragédia grega. Na psicoterapia a catarse moreniana diferencia-se da catarse de ab-reação de Breuer e Freud pois, através da ação dramática, o indivíduo torna-se inteiro, completando alguma etapa de seu processo de identidade.

A catarse de integração é considerada o ápice do trabalho terapêutico onde gradativamente vai havendo a integração dos sistemas que estão sendo trabalhados.

Luke aceita seu pai como ele é, talvez a primeira vez que ele o vê como um ser inteiro (relação eu-tu), entendendo que assim como ele mesmo seu pai comete erros e acertos. Entende também que são suas escolhas que, a partir desse momento, irão guiar o seu destino.

É então que num misto de surpresa e raiva o Palpatine atacará Luke com uma poderosíssima descarga elétrica que emana das suas próprias mãos e que levará imediatamente o inexperiente Luke a uma agonia sem precedentes. Palpatine estava decidido a destruir Luke, o último dos Jedi ali mesmo e nada o poderia impedir. Na sua agonia Luke suplicaria ajuda ao pai que se encontrava ainda vivo embora muito fraco. Os gritos suplicantes de Luke farão, contudo, o que os seus apelos não fizeram anteriormente: assim, num misto de revolta e de amor pelo seu filho, Darth Vader arremessará o Imperador para um poço gradeado que se encontrava na mesma sala que conduzia diretamente ao reator principal da estação, matando instantaneamente o Imperador.

Contudo, Vader terá pouco tempo para testemunhar a sua própria redenção. Os seus já danificados sistemas vitais, sofreram ainda mais dano devido às descargas elétricas do Imperador que parcialmente atingiram Vader enquanto este carregava o Imperador para o poço de ventilação onde este encontraria a morte, eliminando todas as hipóteses de sobrevivências do antigo Lorde Sith. Vader terá ainda assim tempo suficiente para um último diálogo com o seu filho Luke, que correrá em seu auxílio após se recompor dos ataques do Imperador.

Luke dá uma nova resposta possível a seu pai. No psicodrama chamamos isso de interpolação de resistências. Se parto da ideia que a pessoa com quem eu estou a interagir é agressiva possivelmente terei uma resposta já condicionada com esta forma de perspectiva. Se tenho a consciência que comportamento gera comportamento, se sou conduzido por ideias estereotipadas e preconceituosas, a recriação da relação ganhará um novo sabor. Dessa forma quando Luke decide não se entregar ao ódio e cessa seus ataques Darth Vader vê a possibilidade de criar novas respostas a partir dessa nova interação que surgiu. Vader pedirá então a Luke para lhe retirar a sua máscara para o ver por uma última vez com os seus próprios olhos. Por debaixo da terrível máscara Luke encontrará apenas um pobre homem deformado pelo lado sombrio e pela máquina que garantia a sua subsistência, tão diferente da figura imponente que outrora a sua terrível presença emanava. Vader admitirá por fim que Luke estava certo a seu respeito. Em um sussurro, Vader pede que Luke diga à irmã que estava certo. Dando um último suspiro, ele morre e transforma-se na Força como espírito.

Luke tornar-se-á assim no último e simultaneamente no primeiro Jedi da Nova Era. Pouco depois de Luke sair com o corpo de Vader da Estrela da Morte, as forças rebeldes (lideradas por Lando Calrissian) invadem o interior da estação, pois o escudo havia sido

desactivado por Han Solo e Leia e destroem o reator principal. A estação colapsa e explode, assinalando a derrota das forças Imperiais e do próprio Imperador (contudo o Império Galáctico iria ainda permanecer durante muitos anos numa longa e dura guerra com a formada Nova República).

No final, Luke reunir-se com seus amigos em Endor para festejar a vitória conjuntamente com os Ewoks. Aqui Luke revelará a Leia a sua relação parentesca e consequentemente Leia revelará o mesmo a Han Solo. Luke ainda tem uma visão dos espíritos de Yoda, Obi-wan e seu pai Anakin Skywalker juntos de novo antes que Leia o abrace e leve-o para perto dos amigos.

### *Que a força e a vontade estejam com você*

A teoria do psicodrama de Moreno tem sempre como foco de trabalho a relação com o outro. O sujeito adoce na relação e se cura na relação, de modo que só existimos a partir do olhar do outro. Na análise da trilogia original de Guerra nas Estrelas separei os três filmes e os articulei com os três momentos da teoria psicodramática. Sendo que no primeiro filme considero Obi-wan um ego auxiliar, sempre de alguma forma tentando afirmar as potencialidades de Luke. Muito semelhante ao primeiro momento da terapia em psicodrama, pois explora e potencializa o que o protagonista tem a oferecer. Dessa forma, o primeiro momento se chama de aquecimento, pois é quando se descobre o que é mais latente no protagonista e o prepara para a hora de ação. Propomos em nossa análise que Obi-wan exerce essa função no primeiro filme.

Já no segundo filme entendo como a terapia em si, pois sendo o psicodrama uma terapia de ação, em muitas vezes se assemelha com as dinâmicas dos treinamentos físicos e mentais presentes no filme. Colocar o corpo em movimento é colocar a mente em movimento. O corpo fala tanto quanto as palavras, apenas é necessário entender sua língua. Luke enfrenta seus maiores medos no segundo filme, muitos deles que ainda não estavam tão evidenciados, mas foram sendo descobertos do desenvolver de seu treinamento. Assim como em uma dramatização ou cena o protagonista começa, mas não sabe onde ela vai acabar e nem como. Yoda leva Luke através de seus medos e receios e o faz enfrentá-los, mas sempre o preparando para confrontar tais dificuldades, como relata Gonçalves, Wolff, Almeida (1988, pg. 86): “O ritmo da ação dramática não corresponde ao da vida real. Não pode ser tão

rápido que não consiga envolver protagonistas e participantes e não tão lento que crie o desinteresse como um elemento de resistência.”

Dessa forma, mostra o domínio do que considere como o processo terapêutico da segunda etapa do psicodrama.

O último momento é chamado de compartilhar, quando as possibilidades de que uma catarse possa ser revelada ou mesmo aconteça. Para Luke a grande catarse vem em descobrir quem seu pai realmente é, e aceitá-lo como um ser integrado, não mais apenas como uma figura projetada produzida através do discurso do outro. Entender e aceitar o pai como ele é foi a salvação de Luke, pois o seu pai era uma figura muito importante para ele, mas entretanto ele estabelecia uma relação eu-isso. No momento em que ele conseguiu perceber o pai como um ser complexo uma relação eu-tu foi estabelecida.

Apenas a relação eu-tu pode ser saudável ou mesmo levar à cura. Na teoria do psicodrama é dito que poucos papéis disponíveis e mais relações eu-isso do que relações eu-tu levam ao adoecimento psíquico. É o que vemos que acontece tanto com Luke e com J. No início ambos estão envoltos dentro dessa brecha do adoecimento, ambos tem muitos aspectos semelhantes em suas vidas. Não sei como está J hoje em dia, mas acredito que trabalhar a imagem que ele tinha do pai seria algo importante para o seu processo terapêutico. O universo de Guerra nas estrelas é um dos mais populares do nosso tempo. Tratei a trilogia original como se fosse um processo terapêutico, mas muito me instiga o porquê de seu sucesso a nível global. O próprio George Lucas diz que seu sucesso vem vem dessa relação entre pai e filho que está estabelecida no foco central dos filmes. Em minha humilde opinião o fato do filme girar em torno de uma relação pai e filho é o que o torna familiar e que de alguma forma acessível a todos.

## REFERÊNCIAS

BUSTOS, Dalmiro M. **O Psicodrama: aplicações da técnica psicodramática**. São Paulo: Ágora, 1974.

CUKIER, Rosa. **Palavras de Jacob Levy Moreno**. São Paulo: Ágora, 2002.

GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; ALMEIDA, W. C. **Lições de Psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1988.



GUIMARÃES, L. A. **Aspectos Teóricos e Filosóficos do Psicodrama**, Salvador, 2000. [http://www.febrap.org.br/pdf/Aspectos\\_Teoricos\\_Filosoficos\\_psicodrama.pdf](http://www.febrap.org.br/pdf/Aspectos_Teoricos_Filosoficos_psicodrama.pdf) Acesso em 13 de Agosto de 2011.

MONTEIRO, Regina. **Jogos Dramáticos**. São Paulo: Ágora, 1994.

MONTEIRO, Regina. **Técnicas Fundamentais do Psicodrama**. S.P Brasiliense, 1998.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975/2003.

MARIA SGANZERLA, Ilciane; CENTENARO LEVANDOWSKI, Daniela. Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte , v. 16, n. 2, p. 295-309, ago. 2010 .)

YOZO, Ronaldo Yudi. **100 jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas**. São Paulo: Editora Ágora. 1996.

STAR Wars Episode IV - A New Hope. Direção: George Lucas, Produção: Gary Kurtz. Los Angeles (CA) 20th Century Fox. 2006, 1 DVD.

STAR Wars Episode V - The Empire Strikes Back. Direção: George Lucas, Lawrence Kasdan, Produção: Gary Kurtz. Los Angeles (CA) 20th Century Fox. 2004, 1 DVD.

STAR Wars Episode VI - Return of the Jedi. Direção: George Lucas, Lawrence Kasdan, Produção: Howard Kazanjian. Los Angeles (CA) 20th Century Fox. 2004, 1 DVD.